



As
coisas
que
perdemos
no
fogo

Mariana
Enriquez

**AS
COISAS
QUE
PERDEMOS
NO
FOGO**

MARIANA ENRIQUEZ

**AS
COISAS
QUE
PERDEMOS
NO
FOGO**

TRADUÇÃO DE JOSÉ GERALDO COUTO



Copyright © Mariana Enriquez, 2016

Publicado originalmente por Editorial Anagrama, S.A., em Barcelona,
em fevereiro de 2016.

Publicado mediante acordo com Casanovas & Lynch Agencia Literaria S.L.

TÍTULO ORIGINAL

Las cosas que perdimos en el fuego

PREPARAÇÃO

Elisa Menezes

REVISÃO

Paula de Carvalho

Luciana Ferreira

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO E DIAGRAMAÇÃO

Laura Arbex | Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E52c

Enriquez, Mariana

As coisas que perdemos no fogo / Mariana Enriquez ; tradução José
Geraldo Couto. — 1. ed. — Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.

192 p. ; 21 cm.

Tradução de: Las cosas que perdimos en el fuego

ISBN: 978-85-510-0144-8

1. Conto argentino. I. Couto, José Geraldo. II. Título.

17-39623

CDD: 868.99323

CDU: 821.134.2(82)-3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Quisera ser de novo uma menina,
meio selvagem e durona, e livre.*

EMILY BRONTË, *O morro dos ventos uivantes*

*Estou dentro da minha própria mente.
Estou trancada na casa errada.*

ANNE SEXTON, "For the Year of the Insane"

SUMÁRIO

O menino sujo	9
A Hospedaria	33
Os anos intoxicados	47
A casa de Adela	61
<i>Pablito clavó un clavito: uma evocação do Baixinho Orelhudo</i>	77
Teia de aranha	89
Fim de curso	113
Nada de carne sobre nós	121
O quintal do vizinho	127
Sob a água negra	149
Verde vermelho alaranjado	169
As coisas que perdemos no fogo	179



O MENINO SUJO

Minha família acha que estou louca porque escolhi morar na casa dos meus avós paternos em Constitución, um molhe de pedra e portas de ferro pintadas de verde na rua Virreyes, com detalhes *art déco* e antigos mosaicos no chão, tão gastos que, se me ocorresse encerar o piso, poderia inaugurar uma pista de patinação. Mas sempre fui apaixonada por essa casa e, na infância, quando a alugaram a um escritório de advocacia, lembro-me do meu mau humor, do tanto que sentia saudade daqueles cômodos de janelas altas e do pátio interno que parecia um jardim secreto, da frustração de passar diante da porta e não poder entrar livremente. Não sentia tanta saudade do meu avô, um homem calado que mal sorria e nunca brincava. Nem sequer chorei quando ele morreu. Chorei mais quando, depois de sua morte, perdemos a casa, ao menos por alguns anos.

Depois dos advogados veio um grupo de dentistas e, por fim, a casa foi alugada a uma revista de viagens que saiu de circulação em menos de dois anos. Era uma casa bonita e confortável e estava em condições notavelmente boas levando em conta sua antiguidade, porém ninguém mais, ou muito pouca gente, queria se estabelecer no bairro. A revista de viagens o fez só porque o aluguel, para a época, era muito barato. Mas nem isso a salvou da rápida bancarrota, e certamente o fato de terem roubado o escritório não ajudou: levaram todos os computadores, um forno de micro-ondas e até uma pesada fotocopidora.

Constitución é o bairro da estação dos trens que vêm do sul para a cidade. Foi, no século XIX, uma região onde vivia a aristocracia portenha, o que explica a existência dessas casas, como a da minha família — e há muitas outras mansões convertidas em hotéis ou asilos ou ruínas do outro lado da estação, em Barracas. Em 1887, as famílias aristocráticas fugiram para o norte da cidade a fim de escapar da febre amarela. Poucas voltaram, quase nenhuma. Com os anos, famílias de comerciantes ricos como a do meu avô puderam comprar as casas de pedra com gárgulas e aldrabas de bronze. Mas o bairro ficou marcado pela fuga, pelo abandono, pela condição de indesejado.

E está cada vez pior.

No entanto se a gente sabe se mover, se entende as dinâmicas, os horários, não é perigoso. Ou é menos perigoso. Sei que nas noites de sexta-feira, se me aproximar da praça Garay, posso acabar no meio de alguma briga entre vários oponentes possíveis: os pequenos traficantes da rua Ceballos que defendem seu território de outros ocupantes e perseguem eternos devedores; os viciados que, descerebrados, se ofendem por qualquer coisa e reagem atacando com garrafas; as travestis bêbadas e cansadas que também cuidam do seu espaço. Sei que, se voltar para casa caminhando pela avenida, estarei mais exposta a um roubo

do que se regressar pela rua Solís, apesar de a avenida ser bem iluminada e a Solís ser escura, porque tem poucas lâmpadas e muitas estão quebradas; é preciso conhecer o bairro para aprender essas estratégias. Fui roubada duas vezes na avenida, nas duas por meninos que passaram correndo, arrancaram minha bolsa e me jogaram no chão. Na primeira vez registrei queixa na polícia; na segunda já sabia que era inútil, que a polícia havia permitido que eles roubassem na avenida, tendo como limite a ponte da autoestrada — três quadras liberadas —, em troca dos favores que os adolescentes lhes faziam. Há alguns códigos para que a gente possa se movimentar com tranquilidade nesse bairro, e eu os manejo perfeitamente, ainda que, claro, o imprevisível sempre possa acontecer. É questão de não ter medo, de contar com alguns amigos imprescindíveis, de cumprimentar os vizinhos mesmo que sejam delinquentes — especialmente se forem delinquentes —, de caminhar com a cabeça erguida, prestando atenção.

Gosto do bairro. Ninguém entende por quê. Eu, sim: faz com que me sinta certa e audaz, desperta. Não restam muitos lugares como Constitución na cidade, que, exceto pelas favelas da periferia, ficou mais rica, mais amável, intensa e enorme, porém fácil para viver. Constitución não é fácil e é bonito, com todos esses recantos que um dia foram luxuosos, como templos abandonados e depois ocupados por infieis que nem sequer sabem que, entre aquelas paredes, já se escutaram louvores a velhos deuses.

Também vive muita gente na rua. Não tanto quanto na praça do Congresso, a uns dois quilômetros da minha porta; ali, bem em frente aos edifícios legislativos, há um verdadeiro acampamento, laboriosamente ignorado mas ao mesmo tempo tão visível que, a cada noite, grupos de voluntários dão comida às pessoas, checam a saúde das crianças, distribuem mantas no inverno e água fresca no verão. Em Constitución, a população de rua fica mais aban-

donada, poucas vezes chega ajuda. Diante da minha casa, numa esquina que em outros tempos foi um armazém e hoje é um edifício tapado para que ninguém possa ocupá-lo, as portas e janelas vedadas com tijolos, vive uma mulher jovem com seu filho. Está grávida de poucos meses, embora nunca se saiba quando se trata das mães viciadas do bairro, tão magrinhas. O filho deve ter uns cinco anos, não vai à escola e passa o dia no metrô, pedindo dinheiro em troca de santinhos de Santo Expedito. Sei disso porque uma noite, quando voltava do centro para casa, eu o vi no vagão. Tem um método muito inquietante: depois de oferecer o santinho aos passageiros, obriga-os a dar-lhe a mão, um aperto breve e ensebado. Os passageiros reprimem a pena e o asco: o menino está sujo e cheira mal, mas nunca vi ninguém suficientemente piedoso a ponto de tirá-lo do metrô, levá-lo para casa, dar-lhe um banho, ligar para um assistente social. As pessoas lhe dão a mão e compram o santinho. Ele tem o cenho sempre franzido e, quando fala, a voz é rascante; costuma estar resfriado e às vezes fuma com outros meninos do metrô ou do bairro.

Uma noite, caminhamos juntos da estação até a minha casa. Não falou comigo, mas nos fizemos companhia. Perguntei-lhe algumas bobagens, sua idade, seu nome: não me respondeu. Não era um menino doce nem terno. Quando cheguei à porta da minha casa, não obstante, me saudou.

— Tchau, vizinha — disse.

— Tchau, vizinho — respondi.

O menino sujo e sua mãe dormem em três colchões tão gastos que, empilhados, têm a mesma altura que um comum. A mãe guarda a pouca roupa em vários sacos de lixo pretos e tem uma mochila cheia de outras coisas que nunca consigo distinguir. Não se move da esquina e ali pede dinheiro com uma voz lúgubre e monótona. Não gosto da mãe. Não só por sua irresponsabilidade,

ou porque fuma crack e a cinza queima a barriga de grávida, ou porque eu jamais a tenha visto tratar com amabilidade seu filho, o menino sujo. Há algo mais que não me agrada. Estava dizendo isso a minha amiga Lala enquanto ela cortava meu cabelo na casa dela, no feriado da última segunda-feira. Lala é cabeleireira, mas faz tempo que não trabalha num salão: não gosta dos chefes, diz. Ganha mais dinheiro e tem mais tranquilidade em seu apartamento. Como salão, o apartamento de Lala tem alguns problemas. A água quente, por exemplo, chega de maneira intermitente porque o aquecimento funciona muito mal e, às vezes, quando ela está lavando meu cabelo depois da tintura, recebo um jorro de água fria na cabeça que me faz gritar. Ela revira os olhos e explica que todos os encanadores a enganam, cobram caro demais, nunca voltam. Acredito.

— Essa mulher é um monstro, menina — grita, enquanto quase queima meu couro cabeludo com o velho secador de cabelo.

Também me machuca ao arrumar as mechas com seus dedos grossos. Faz anos que Lala decidiu ser mulher e brasileira, mesmo tendo nascido macho e uruguaio. Agora é a melhor cabeleireira travesti do bairro e já não se prostitui; fingir o sotaque brasileiro lhe era muito útil para seduzir homens quando era puta na rua, mas agora não faz sentido. De todo modo, está tão acostumada que às vezes fala ao telefone em português ou, quando se irrita, levanta os braços e clama vingança ou piedade à Pombagira, seu exu pessoal, para quem tem um pequeno altar num canto da sala onde corta cabelo, bem ao lado do computador, conectado a um bate-papo perpétuo.

— Você também acha que ela é um monstro, então.

— Me dá calafrios, menina. Parece amaldiçoada, sei lá.

— Por que diz isso?

— Não digo nada. Mas aqui no bairro comentam que ela faz qualquer coisa por dinheiro, vai até a reuniões de bruxos.

"Uma autora impressionante que precisa ser lida. Assim como Bolaño, seus temas de interesse são vida e morte, e sua escrita nos arrebatava com a força de um trem."

Dave Eggers,
autor de *O círculo*

"Fenomenal. Nas mãos de Mariana Enriquez, a desigualdade, a beleza e a corrupção da Argentina se transformam em uma manifestação de nossos próprios medos e pensamentos mais sombrios."

Vanity Fair

"Os fantasmas de Enriquez não são espectros convencionais; a assombração está nas pessoas — crianças de rua, mulheres que se queimam — e nos lugares sobre os quais ela escreve."

Financial Times

ISBN 978-85-510-0144-8



www.intrinseca.com.br